

DAS ORIGENS, PELES E PARENTESCOS
DO COBRA-GRANDE:
(RE)COMPONDO A HISTÓRIA DA
INVASÃO DAS GUYANAS
A PARTIR DA SUPERNATUREZA
ARUKWAYENE

Ramiro Esdras Carneiro Batista

DAS ORIGENS, PELES E PARENTESCOS DO COBRA-GRANDE:
(RE)COMPONDO A HISTÓRIA DA INVASÃO DAS GUYANAS
A PARTIR DA SUPERNATUREZA *ARUKWAYENE*

Ramiro Esdras Carneiro Batista¹

Resumo: O artigo analisa as narrativas de guerra do povo *Palikur Arukwayene*, territorializado na Terra Indígena Uaçá, atual município de Oiapoque/AP/Brasil. Longe de comportar um particularismo linguístico e cultural intransponível, os saberes e as representações indígenas sobre as diferentes modalidades de cobras-grandes que, a partir da perspectiva originária, produziram e organizaram os diferentes biomas amazônicos em intrínseca relação de aliança com os seres humanos, propõem ou desvelam uma antropologia reversa que parece capaz de racializar seres da supernatureza, permitindo-nos uma aproximação com a memória e a história indígena. Através do discurso falado e da linguagem imagética proporcionada pela arte em madeira do ancião *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), busca-se discutir nuances da invasão colonial no escudo guianense, em sua relação com o delineamento de uma história vivencial efetivamente indígena.

Palavras-chave: Memória Indígena; Antropologia reversa; Povo *Palikur Arukwayene*.

Resumen: El artículo analiza las narrativas de guerra del pueblo *Palikur Arukwayene*, territorializado en la Tierra Indígena Uaçá, actualmente en el municipio de Oiapoque/AP/Brasil. Lejos de implicar un particularismo lingüístico y cultural insuperable, los saberes y representaciones indígenas sobre los diferentes tipos de grandes serpientes que, desde la perspectiva original, produjeron y organizaron los diferentes biomas amazónicos en una relación intrínseca de alianza con los seres humanos, proponen o develan una antropología inversa que parece capaz de racializar seres de la sobrenaturaleza, permitiéndonos acercarnos a la memoria y la historia indígena. A través del discurso hablado y el lenguaje imaginaria proporcionado por el arte de la madera del anciano *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), buscamos discutir los matices de la invasión colonial en el estudio guyanés, en su relación con el delineamiento de una historia vivencial efectivamente indígena.

Palabras-clave: Memoria Indígena; Antropología inversa; Pueblo *Palikur Arukwayene*.

¹ Antropólogo & Educador. Professor de Fundamentos da Educação Escolar Indígena na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Membro do grupo de pesquisa *Cidade, Aldeia & Patrimônio na Amazônia* (UFPA – CNPq). Contato: ramiro.esdras.carneiro@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/08099460177410652> Registro ORCID: <http://orcid.org/0000-00032050-7362>.

Introdução

[A] história não pode ser apagada, ela não fica em branco como uma lousa limpa para que “nós” possamos inscrever nela (...) e impor nossas próprias formas de vida para que esses povos menores os adotem. (SAID, 2007:14)

Uma designada antropologia “reversa” também pode ser definida como uma modalidade de produção de conhecimento e respectivas classificações que diferentes povos empreendem sobre a realidade, a fim de organizar o mundo a sua volta segundo seus próprios critérios epistemológicos (VIEIRA, 2014). Tal riqueza classificatória esboça uma contínua reflexão sobre a alteridade sendo empreendida por diferentes povos, percebida na intimidade do fazer etnográfico e tendo como consequência a visibilidade da produção sobre o outro, elaborada em uma perspectiva originária, especialmente no que tange aos protagonistas do colonialismo em nível global, exatamente aqueles “outros” de origem europeia que na América indígena são genericamente denominados “brancos”.

Compreender as atitudes e os comportamentos destas diferentes categorias de brancos, que surgem em distintas ondas transatlânticas no processo de invasão do escudo das guianas, constitui-se, de uma perspectiva originária, numa forma de estabelecer novas alianças para a guerra e a paz, ao tempo em que se engendram explicações para a brutalidade genocida praticada pelos colonizadores. Munidos desses conhecimentos, os povos indígenas puderam movimentar-se pelas novas redes hierárquicas inauguradas pelo sistema colonial, o que em última instância confere sentido e verossimilhança a historicidade ameríndia, como constataremos na prática discursiva do povo *Palikur Arukwayene* (BATISTA, 2020).

Nesse sentido, o presente artigo discorre sobre uma aproximação de caráter mnemônico-narrativo com eventos constantes da memória indígena de longo alcance,

especialmente aqueles que se referem à invasão dos territórios compreendidos no interflúvio Oiapoque/Cayenne, entre os séculos XVI e XVII, exatamente na região da atual fronteira binacional que separa as repúblicas brasileira e francesa, no extremo setentrional amazônico. Partindo do discurso e das memórias produzidas por um sábio pertencente ao povo *Palikur Arukwayene*, o falecido *Uwetmin* (Manoel Antonio dos Santos),² busca-se uma tradução e análise que se pretende adequada para as categorias antropomórficas e zoomórficas³ identificadas em sua narrativa, o que, em tese, nos permitiria uma aproximação com a versão indígena de parte da história da colonização da faixa atlântica guianense.

A documentação, a transcrição e a interpretação das narrativas que versam sobre as diferentes anacondas/cobras-grandes que lideravam os grupos guerreiros em disputa pela ocupação da costa guianense, denotam o processo de territorialização europeia e desterritorialização originária por meio da guerra total, ora (re)significada pela produção mnemônica e antropológica indígena. Sobre esse processo de coleta e tradução precária de uma narrativa aruaque para o português brasileiro, vale recorrer à premissa de que “toda transcrição é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso [original] com absoluta fidelidade” (TOURTIER-BONAZZI, 2006:239). Ainda assim, entende-se que vale o esforço de tradução/interpretação, tendo em vista o objetivo de (re)povoar a história da humanidade pelo desvelamento de suas versões silenciadas pelo colonialismo.

Ainda sobre nossa opção metodológica, cumpre dizer que a tentativa de compreender as narrativas e memórias de eventos guerreiros compartilhados pelo Senhor

² Trata-se de um falecido ancião do povo *Palikur Arukwayene*, nascido em 21 de outubro de 1933 e morto em 23 de junho de 2018. *Uwetmin* habitou uma ilha do rio *Urukauá*, na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque/AP, Brasil. Por imperativo cultural, optamos por nomeá-lo por seu nome indígena (*Uwet*), seguido do nome registrado em seu documento de identidade brasileiro - Manoel Antônio dos Santos.

³ Personagens humanos e não humanos que protagonizaram as guerras de invasão colonial,

Uwetmin (Manoel Antônio dos Santos), em sua relação com a história escrita, não está posta no texto com a intenção em estabelecer critérios de verdade ou cientificidade, mas pela possibilidade de buscar algum entendimento sobre como os *Palikur Arukwayene* elaboram e distendem uma temporalidade própria⁴, tendo em vista que as traduções das narrativas documentadas demonstram clareza em relação ao espaço guianense – por estarem profundamente ancoradas na geografia da região – mas, de certa maneira, embaralham o que em uma perspectiva ocidental poderíamos chamar de passagem do tempo histórico.

Aqui nos situamos no espaço de tensão que caracteriza a díade história/memória em que vale reafirmar que “as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes, [mas] tem em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra podem preencher” (PORTELLI, 1997:26). Alessandro Portelli lembra que a memória, mais que um banco de dados, “é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra a experiência entregando ao esquecimento aquilo que já não tem significado na atualidade” (2016:47). Entende-se que é nesse sentido que guerra, memória e história indígena são narrativas indissociáveis e precisam ser entendidas, também, em sua dimensão histórico-descritiva, ainda que em modalidades de tradição oral de difícil tradução.

Para a presente reflexão, a provocação de Edward Said (2007), constante do *caput* do texto, é importante no sentido de propor que a historiografia eurocentrada jamais foi capaz de se impor de forma absoluta para os povos do mundo extraeuropeu, tendo em vista que os colonizados não são tabula rasa onde a narrativa dos vencedores foi impressa sem tensionamentos ou resistências (DE DECCA, 2004). Nesse sentido, um suposto silêncio dos vencidos também pode ser percebido como expressão de uma

⁴ *Inetit Minikwak* (tempo antigo) e *Inetit Avminin* (tempo atual), são as duas categorias temporais *arukwayene* que aparecem de forma repetida nas narrativas do ancião *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos).

distância linguística e cultural imposta entre colonizadores e colonizados, os primeiros arrogando-se o direito unilateral de arbitrar e definir o passado, determinando, por consequência, o futuro das relações de poder e subalternidade dentre os povos.

Antes de adentrarmos na caracterização dos narradores e interpretação dos conteúdos narrados vale dizer que, para parte dos povos originários etnografados, a guerra não pressupõe um ato de selvageria, mas sim um espaço de produção ontológica que constitui a odisseia de cada povo, no tempo e no espaço. (MANO, 2010). Desta maneira, compreender a insistência em uma memória de guerra que levou os *Palikur Arukwayene* à beira do desaparecimento faz parecer que, para além de não aceitarem as definições propostas pelos invasores, eles/elas insistem na narrativa de guerra como um patrimônio cultural que evidencia o protagonismo ameríndio na conformação da atual guiana euro-indígena.

Outrossim, cumpre dizer que a fronteira entre humanos e não humanos, natureza, cultura e supernatureza é classificada pela ciência do concreto indígena de uma forma que as epistemologias e o modo de pensar ocidental ainda não conseguiram alcançar. Todavia, a historicidade e os fazeres mnemônicos indígenas guardam conhecimentos e inter-relações que podem compor o que temos chamado de repovoamento da história da humanidade, sobretudo daquela que se movimenta na região amazônico-guianense desde tempos imemoriais.

O Povo *Palikur Arukwayene*

[G]uerra, é um estado permanente da relação [com] os povos originários daqui, os que foram chamados de índios, sem nenhuma trégua, até hoje, até agora [...] Nós estamos em guerra! Eu não sei porque você tá me olhando com

essa cara tão simpática [...] nós estamos em guerra! Os nossos mundos [es]tão todos em guerra. (BOLOGNESI *apud* KRENAK, 2019, sem paginação)⁵

Os *Palikur Arukwayene* são um povo de filiação linguística Aruaque do extremo setentrional da fronteira norte brasileira, no município de Oiapoque, ente federado do Amapá. Região síntese em que, ao longo de séculos, “o holandez e o francez do Cabo Norte” disputa com o agente português “o consentimento dos naturaes” no objetivo de “possuirm” o território, conforme descreveu Arthur César Ferreira Reis. (1993, p. 117, sic)

Essa costa atlântica que os portugueses cognominaram Cabo do Norte e os holandeses de Cabo Orange, foi também habitada por outros povos falantes da mesma família linguística, como os antigos *Marawã*n e os *Aruã*n. Os últimos são considerados extintos e, em tese, há a possibilidade de que parte de seus sobreviventes tenham sido incorporados como clãs entre os *Palikur*.

Segundo a cosmologia *Palikur*, a topografia da região do Baixo Oiapoque foi sulcada por três demiurgos – *Wahama* (Uaçá), *Kwip* (Curipi) e *Arukwá* (Urukauá), que “trabalhando” zoomorfizados em forma de *datka* (cobra), criaram os três rios que banham o território uaçauára. Para nossos interlocutores, o Cobra Grande *Arukwá* é o ente mais poderoso dos três e por isso o “líder” de todos os clãs. De acordo com o narrador *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), *Uhokri*, o Grande Avô, divindade suprema, criou *Arukwá* a partir de *Iwaniká* (que é literalmente seu braço direito) no meio do *nirakhã* (oceano), com o objetivo de que ele o ajudasse a cuidar das seis dimensões do *Hawki* (Universo). É sabido que a forma física mais conhecida da “pessoa” do demiurgo *Arukwá* é o *Datka Kyapied*, um grande barco em formato de cobra.

⁵ Excerto da entrevista do escritor indígena Ailton Krenak, constante do documentário *Guerras do Brasil.doc*. Para apreciação do discurso completo, consultar: Luiz Bolognesi (2019).

É importante situar que na língua atualmente falada pelo coletivo, *Palikur* ou *Parik'yene* significa simplesmente “índio” e pode designar qualquer indígena, de qualquer etnia. Por isso nossos interlocutores têm se autodenominado *Arukwayene*, que dizem significar gente ou filhos de *Arukwá*. As discussões suscitadas com respeito á origem do etnônimo parecem estar relacionadas a presença de antropólogos, missionários e linguístas entre aqueles que são referenciados na literatura dos “descobridores” como os “Palikura” ou “Paricora”.

A mudança de etnônimo – ou sua adjetivação como parece ser o caso de *Palikur Arukwayene* – pode ser fruto de um olhar sobre si mesmo proporcionado, em grande medida, pelas perguntas empreendidas pelos *nawotuye* (estrangeiros), visto que sua problematização é quase sempre “um artefato produzido no contexto de interação com o etnógrafo” (Viveiros de Castro, 1996, p. 125).

De senhores da Costa *Palikura* a mais absoluta minoria étnica – se consideramos o contexto atual de uma Amazônia transnacional em que os demais povos afros e indígenas da região guianense se apresentam como demograficamente majoritários – o apego a uma memória de guerra demonstrada pelos narradores *palikur* parece propor a reificação de um passado grandioso que, além de remontar a objetivos tão pragmáticos como a precedência nos direitos socioterritoriais, faz constante alusão a uma antiga hierarquia interétnica elaborada em moldes Aruaque, federação originária e vontade de poder que podem ter constituído, e ainda constituírem-se, como possibilidade de fazer política nos próprios termos, conformando, assim, a projeção de um passado e possibilidades de futuro dos quais o Povo *Palikur* não parece disposto a renunciar.

É nesse sentido que a memória das *Keka* (guerras) pode ser pensada, para além da base da etnicidade *arukwayene*, como o lugar de praticar a estruturação, ordenação e continuidade de sua própria história.

Buscar a origem de unidades étnicas no universo amazônico-guianense pode ser um exercício confuso, visto que parte das descrições de navegadores e viajantes de época nem sempre coincide com a autodesignação e história vivenciada no interior de seus grupos diaspóricos. O estado de arte da arqueologia para esta região periférica do Caribe, situada no Baixo rio Oiapoque, é bastante inconcluso, mas já prenuncia a profusão de federações e cacicados de abrangência regional, tanto no período pré-colonial, quanto concomitante à implantação da colônia, o que denota a multietnicidade e consequente modo de fazer política indígena intrínseca à região (ROSTAIN, 2011; LIMA, 2017).

A expansão de povos aruaque na América e Caribe demonstra seu vigor histórico a partir do que percebemos na combinação dos estudos linguísticos e arqueológicos, denotando uma população em constante movimento pelos biomas amazônicos nos últimos seis mil anos, distribuindo-se desde a ilha de Cuba, passando pelos arquipélagos antilhanos e adentrando o centro da Amazônia continental a partir de diferentes rotas fluviais, tanto nas bacias e sub bacias do rio Orinoco, quanto do Amazonas, em uma profusão ininterrupta de gente que chega e parte da cordilheira andina em direção às águas caribenhas.

Segundo a pesquisa de Roger Blench (2015), os dialetos e as línguas alegadamente aruaque encontrados por Colombo em 1498 parecem tratar de seu encontro fortuito com ondas de migração tardia, bem como a formação de novos cacicados no Circum caribe, principalmente conformados por grupos de filiação aruaque e/ou aruaque-*maipure*. Essas ondas migratórias Aruaque teriam sido posteriormente sobrepostas por migrações de povos de origem Caribe, o que, aparentemente, é confirmado pelas narrativas e memórias que pudemos colher sobre a relação de belicosidade/inimizade entre os *Aruaque-Palikur* e seus “inimigos-fiéis”⁶, os *Caribe-*

⁶ Inimigos fiéis é expressão emprestada de Carlos Fausto (2001), para caracterizar a relação concomitante de parentesco e belicosidade que se consolidou entre os aruaque *Palikur* e os caribe *Kalinã*

Kalinã, pelo menos no que diz respeito ao interflúvio Oiapoque/Caiena (BATISTA, 2019).

A mesma pesquisa de Blench (2015) afirma a ênfase na relação comercial entre os dois povos, a partir da existência de uma língua cerimonial, traduzida por alguns como uma língua de uso exclusivamente “masculino”, de provável origem Caribe. A identificação de pelo menos setenta e seis línguas *arawak-maipure*, das quais meia centena segue sendo considerada “línguas vivas”, na atualidade, (BLENCH, 2015:8) demonstra o vigor demográfico e a prevalência dos povos dessa matriz, há pelo menos 6000 anos antes do tempo presente, na Amazônia continental.

Mas, ainda que os registros espanhóis de *Pinzón* nos levem à suposição de que a ocupação Aruaque na região do Baixo Oiapoque remeta a um passado remoto (TEIXEIRA e PAPAVERO, 2009), a autorepresentação *Palikur Arukwayene* mostra-se um tanto mais complexa. Em seu próprio discurso sobre os direitos territoriais Aruaque no Baixo Oiapoque, parece haver uma combinação autodesignada de povo anfitrião, portanto, de *Warik Akiwara* (donos do rio), com outras ocupações mais recentes, fruto de diferentes ondas migratórias que teriam amalgamado grupos aruaque ou filo-aruaque no período colonial, dentro desta mesma territorialidade cognominada pelos ibéricos como Costa *Parikora*. (BLENCH, 2015; HULSMAN, 2016).

As diferentes ondas de migração realizadas por distintos “clãs”⁷ em momentos históricos distintos, aparecem na memória *palikur* como as grandes viagens flúvio-marítimas realizadas no *inetit minikwak* (tempo antigo), empreendimento cujo sucesso dependia tanto dos acordos xamânicos realizados no âmbito do *pahakap* (outro mundo), quanto do eventual encontro físico com o Cobra-Grande (*Eunectes murinus*).

na região do Cabo Orange, desde o período pré-colonial. Para detalhes da discussão, consultar: Carlos Fausto (2001) e Batista (2019).

⁷ No caso, o clã designa a conformação de famílias e comunidades interétnicas, conforme Batista (2019).

Essa vetusta relação de caráter xamânico com o Cobra-Grande era preponderante a ponto de o simples avistamento da criatura nos campos alagados impedir, ou confirmar, o acerto da rota de viagem no caminho continental das anacondas, conforme a interpretação do *Ihamwi* (Xamã *Palikur*) que guiava a expedição (UWETMIN, 2015, 2018). A prevalência de uma relação de aliança que a antropologia eurocentrada chamaria de totêmica, celebrada entre os *Palikur* e distintos cobras habitantes e efetivos “donos” dos biomas amazônico-guianenses parecem prevalecer por toda a história e a memória *palikur*, como veremos.

Abaixo, representação em madeira de um dos cobras, segundo o narrador *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos):



Imagem 01 - Escultura em madeira executada pelo sábio *Palikur* *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), referente ao guerreiro mítico zoomorfizado, constante da cosmologia *arukwayene*.

Fonte: Foto do autor (2019).

No caso específico da ocupação territorial do Baixo Oiapoque, o *Uyapkun*, a exemplo do que conseguimos alcançar junto ao histórico de ocupação de povos de origem Caribe e Aruaque para a região que compreende os interflúvios do *Mahury* (Caiena), parece mais coerente pensar em uma profusão de grupos humanos que se organizavam principalmente, mas não exclusivamente, por afinidade linguística (BATISTA, 2019), o que propõe uma morfologia diferente para a Costa *Palikura* (ou *Parikora*), que antes de ser eminentemente aruaque – como convém aos espanhóis (TEIXEIRA e PAPAVERO, 2009) – trata de uma territorialidade aruaquinóide, de morfologia e tradição aruaque, que impõe seu mando e jogo de alianças a povos de distintas origens, pelos menos até algum momento dos séculos XVII e XVIII, quando a federação indígena parece entrar em colapso e desaparecem seus resquícios de produção material. (ROSTAIN, 2011).

No esboço a seguir, demarcado em vermelho, está o território pantanoso que corresponde à antiga Costa Palikura, ou *Paricora*, que corresponde a atual faixa costeira do estado do Amapá/Brasil, onde distintas batalhas pela implantação das bases coloniais foram travadas em séculos de história:

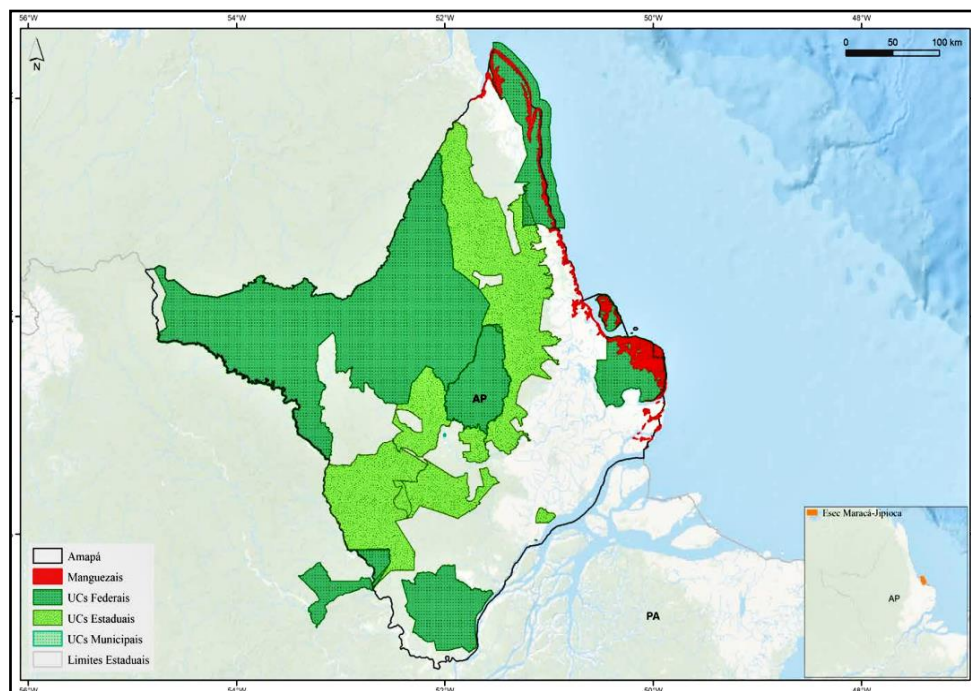


Imagem 02 - Em vermelho a faixa costeira do atual ente federado do Amapá, território correspondente à antiga Costa Palikura.

Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO, 2018).

A invasão e a colônia no caminho das anacondas: o Cobra-Grande *Waramwi*

[E]nquanto o sentido dos acontecimentos permanecer vivo – e esse sentido pode persistir por longuíssimos períodos de tempo –, o “domínio do passado” pode assumir a forma da narração sempre repetida. O poeta, num sentido muito geral, e o historiador, num sentido muito específico, tem a tarefa de acionar esse processo narrativo e de envolver-nos nele. (ARENDDT, 2008:30).

Como vimos apontando, segundo a cosmologia *palikur*, a topografia da região do Baixo rio Oiapoque foi sulcada por três demiurgos – *Wahama* (Uaçá), *Kwip* (Curipi) e *Arukwa* (Urucauá), seres não humanos que “trabalhando” zoomorfizados em forma de *datka* (cobra), criaram os três rios que banham o território (BATISTA, 2019). Dentre as

muitas anacondas que construíram e efetivamente povoam o universo *palikur*, nos concentraremos em um personagem especialmente requisitado nas antigas narrativas de guerra, o Cobra-Grande *Waramwi*.

Na Pan-Amazônia, diferentes referenciais cosmológicos de diferentes povos reificam e aludem uma antiga relação de tensão e/ou aliança, amizade e/ou disputa entre grupos humanos e um cobra-grande local, ente da supernatureza que efetivamente se apresenta como o dono e guardião original dos territórios e suas riquezas. Essa prevalência da grande anaconda entre diferentes povos denota a filosofia amazônica da abertura para o outro. Nesse sentido, o relacionamento próximo com essa alteridade radical, que se apresenta com poder descomunal, é algo perigoso e, ao mesmo tempo, inexorável.

Isto é, uma vez em migração pelo mundo amazônico a pessoa indígena não tem alternativa senão mergulhar na alteridade, tornando-se como o outro a fim de alimentar uma rede cosmopolítica, ao tempo em que mantém íntegro o seu eu. É nesse sentido também que a guerra é considerada como um elemento fundante para toda etnicidade, uma vez que a relação conflituosa e belicista tanto transforma o guerreiro, quanto domestica seu antagonista, o que alguns autores também nominam como a dialética da alteridade indígena (SOUZA, 2002).

O histórico da disputa entre franceses, Galibis, holandeses e *Palikur* pelo domínio da Ilha de Caiena, tal como referenciada por Nelson de Figueiredo Ribeiro (2005) em meados do século XVII, encontra ressonância na história mitificada do povo *Palikur Arukwayene*, com relação ao personagem *Waramwi* (Cobra-Grande). Trata-se de uma narrativa que sintetiza o contato dos grupos aruaque com os primeiros *nawotuye* (estrangeiros brancos) que “descobriram” o rio *Urukauá*, tributário da baía do Oiapoque, demonstrando o engajamento indígena nas disputas coloniais.

Na cosmologia *Palikur Arukwayene* o *Waramwi* é apresentado como um Cobra-Grande e, ao mesmo tempo, um ser humano; lembrando que, para as cosmologias indígenas, a humanidade é a condição primeira e inerente a todos os cobras. Esta entidade ou “pessoa” adquire grandes poderes ao praticar a zoomorfia vestindo o *givalita* (paletó), que seria a pele ou a “roupa” de uma anaconda, coincidentemente o maior predador aquático da Pan-Amazônia (BATISTA, 2020). Trata-se de um processo de transformação que somente é visibilizado pelo discurso dos xamãs, visto que são eles os que detêm a “dupla cidadania” que lhes permite atravessar os mundos e ver as coisas da perspectiva das cobras, ou dos não humanos (SANTOS, 2013).

Na imagem, um guerreiro-cobra em movimento:



Imagem 03 - Escultura em madeira executada pelo sábio *Palikur Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), retratando a armadura de um *Datka* (cobra).

Fonte: Foto do autor (2019).

Dentre outras questões, o relato dessas batalhas protagonizadas por Aruaque/*Palikur* e Caribe/*Kalinã*, em meio às diferentes bandeiras europeias, parece remeter à necessidade que os originários sentem de incorporar os europeus, a partir de categorias nativas que lhes permitissem melhor entendê-los. É assim que os animais da supernatureza são acionados em um tipo de reflexão familiarizante, que lhes faculta caracterizar cada um dos poderes/cobras em litígio, segundo categorias próprias utilizadas para definir guerreiros-predadores.

Vale considerar que a afecção inerente aos seres humanos que se transformam em cobra pode não referir especificamente um corpo de serpente, porque a fisiologia distintiva que no ocidente denominamos “corpo” parece, da perspectiva *amerindien*/indígena, referir:

[U]m conjunto de maneiras ou modos de ser que consituem um *habitus*, um ethos, um etograma. Entre a subjetividade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afetos e capacidades, e que é a origem das perspectivas. Longe do essencialismo espiritual do relativismo, o perspectivismo é um maneirismo corporal. (CASTRO, 2018:66).

Portanto, ser cobra, ter jeito de cobra ou transmutar-se em cobra, para os guianenses de diferentes etnias pode designar aquele ou aquela que assume a condição de predador-mor, líder guerreiro, indivíduo cujo poder sobre a vida e a morte exibido e assinalado nas cruzadas de guerra não poderiam advir de um frágil humano, mas antes, são tomados de empréstimo da “roupa” da Anaconda amazônica (*Eunectes murinus*).

Cumpre dizer também que as características do Cobra-Grande são multifacetadas, não constando apenas do poder de matar, mas também e, sobretudo, o de conferir vida e constituir o sistema-mundo indígena. Como dissemos anteriormente, os Cobras-Grandes são reconhecidamente os agentes demiúrgicos que, a serviço de *Uhowki* (o avô ancestral), abriram os rios e tributários que compõem a baía do Oiapoque, em um

passado remoto, além de neles terem distribuído os povos e estabelecido as hierarquias e alianças originárias e necessárias à vida em uma sociedade multiétnica e intercultural. Da multiplicidade de cobras que organizam esse universo, apresenta-se também o *Kayeb*, cobra multicéfalo que mora nas estrelas e de lá organiza os vetores climáticos no/do Oiapoque:

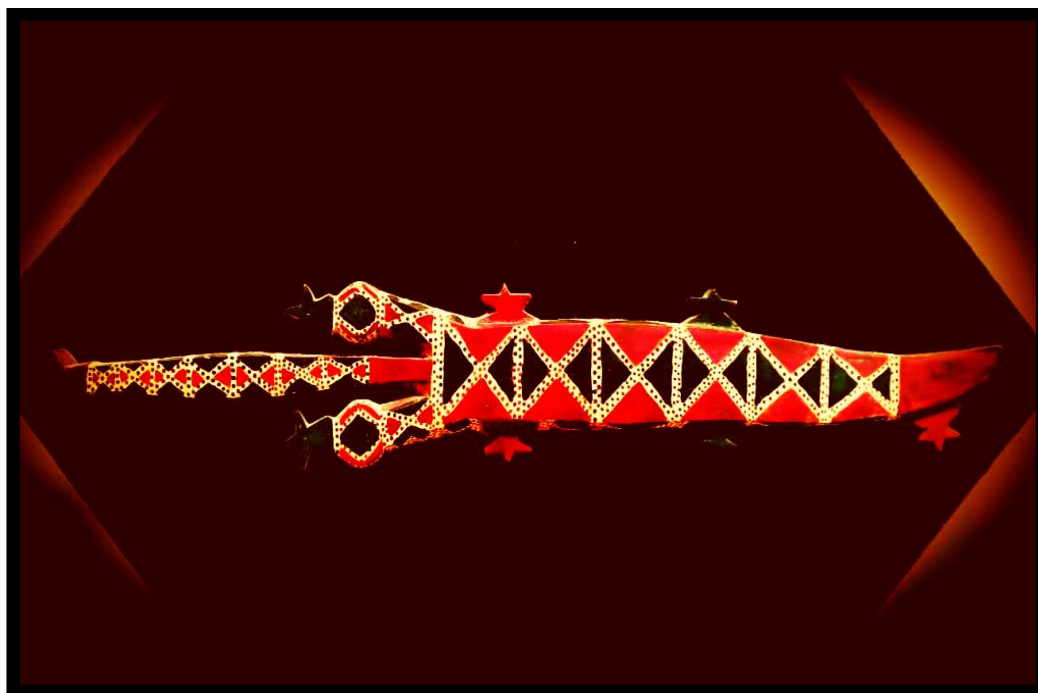


Imagem 04 - Escultura em madeira executada pelo sábio *Palikur Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), referente à serpente cósmica *Kayeb*, também referenciada como “guardiã da chuva”.
Fonte: Foto do autor (2019).

Ao narrar a perseguição dos *Palikur* aos *Kalinã*, no que hoje seria o território ultramarino francês, entre a montanha *Brurijet* e a ilha de *Cayenne*⁸, o narrador *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos) aponta que:

⁸ Topônimos constantes da faixa costeira da região de Caiena, atual capital da Guyane (Guiana Francesa).

[E]les encontraram um homem que perguntou o que eles estavam fazendo [...] Ele queria saber o que os guerreiros *Palikur* faziam. Os *Palikur* responderam que estavam atrás dos *Kalinã*. Atrás de seus adversários para matá-los. O *Palikur* queria acabar com eles [...] Então, aquele *awaig* (homem) disse: os seus inimigos já foram embora! Vocês podem me ajudar a atravessar o mar? Posso atravessar na canoa de vocês? Os *Palikur* concordaram em levar aquele *awaig* (homem). O nome dele é *Waramwy*. Ele estava perseguindo o cunhado, que havia matado sua irmã [...] o cunhado do *Waramwy* também era um Cobra Grande, que matou sua própria esposa. Aquele primeiro *Waramwy* queria vingar a morte da irmã, mas não conseguia chegar até o buraco do outro *Waramwy* por baixo da água. Aí ele pediu a carona [.]. (UWETMIN, 2015).

A inferência que a narrativa nos permite fazer é a de que os guerreiros *Palikur Arukwayene*, envolvidos na guerra dos holandeses contra franceses, executaram uma incursão guerreira contra os *Galibi Kalinã* da ilha *Mahury*, em Caiena, onde encontraram um *awaig* (homem) que estava no caminho aquático⁹, e lhes informou que os Caribe *Galibi*, seus inimigos, tinham fugido para o distante litoral. Ao concordar em transportar aquele estranho homem, fica implícita a formação de uma aliança. No decorrer do trajeto, os *Palikur Arukwayene*, então, descobrem quem é aquele ser e o classificam como um *Waramwy* (Cobra-Grande).

Como é sabido, em sociedades “[o]rdenadas segundo o parentesco, as distinções relativas à descendência e à afinidade são ancoradas no trabalho exercido pela supernatureza” (WOLF, 2005:464), por isso, um guerreiro *nawotuye* (estrangeiro) que operava prodígios com pólvora e canhoneiras, aparentemente ganhou *status* de predador-mor, segundo a classificação belicosa nativa.

Figura central para a cosmologia dos povos do Baixo Oiapoque, o Cobra-Grande – em suas distintas manifestações – é um dos não humanos que mais interfere

⁹ As batalhas envidadas na região durante o período colonial eram essencialmente navais e corroboravam um “agendamento” ritual, conforme narrou o Senhor *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos, 2018). De março a julho – período de “água grande” na região – é o ideal para os encontros bélicos, desde tempos imemoriais.

nas narrativas da história vivencial local. Como notamos na descrição do *Palikur Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), não é possível realizar a interação com a alteridade do outro sem prescindir das categorias próprias de explicação do mundo que nos circunda, referência epistêmica que permite o entendimento e a domesticação dessa alteridade exógena. (SOUZA, 2002).

Ainda com base na narrativa de *Palikur Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), seguimos descrevendo o “inimigo” e “cunhado” do Cobra-Grande aliado dos *Palikur*, também classificado como um *Waramwy* e, então, os aruaques engendram a explicação que lhes parece mais familiar, a de uma “briga” entre parentes poderosos, em função de uma *tino* (mulher):¹⁰

[O]s dois que agora eram inimigos são *nawotuye* [estrangeiros], quando não estão usando o paletó do *Waramwy*. Quando subiu na canoa dos guerreiros *Palikur*, o *Waramwy* [Cobra Grande branco] ficou o tempo todo na proa da canoa. Ele fica na proa, todo o tempo! Ele fica com o arco e a flecha preparada! [...] porque o cunhado dele era muito forte e perigoso [...] Os *Palikur* deixaram o Cobra Grande em uma praia, perto de um lugar chamado *Tanawni*. Nesse lugar os *Palikur* também encontraram um padre francês que foi condenado a morte pelo *gendarme* [...] ele ia ser morto porque tinha tido relações sexuais com a freira [...] Por isso o *gendarme* ia matá-lo! Antes de se despedir, o *Waramwy* perguntou aos *Palikur* o que eles queriam por terem dado carona a ele. O *Palikur* respondeu: só queremos matar o nosso adversário, porque ele tem feito muito mal ao nosso povo! Queremos matá-los! Então o *Waramwy* agradecido mostrou a direção norte, rumo a ilha de *Cayenne*, onde os *Kalinã* ficavam. O Cobra Grande instruiu os *Palikur* a irem bem devagar, beirando a praia para chegarem bem perto do vigilante dos *Galibi Kalinã*, sem serem pressentidos [...] *Waramwy* também disse aos *Palikur* para eles não se demorem nesse local, que fizessem a *Keka* e saíssem logo [...] que quando ouvissem o trovão no céu, era o sinal de que ele [*Waramwi* aliado] já tinha matado o seu cunhado e que, portanto, eles deveriam ir embora, voltar rapidamente para sua terra para que nenhum mal lhes acontecesse. (*Uwetmin* 2015, 2018).

¹⁰ Na versão colhida por Lux Boelitz Vidal (2001:127) junto a um *Palikur* exilado entre os *Marworno*, a “briga” entre os dois cobras ocorreu porque um teria matado o filho do outro.

O desdobramento desse evento da memória de guerra na versão *arukwayene* fica evidente quando confrontado com a história registrada em moldes ocidentais, sobretudo na disputa que Nelson de Figueiredo Ribeiro (2005) referencia entre os franceses que buscam rechaçar holandeses e seus aliados indígenas da ilha de Caiena. Os dois Cobras-Grandes – seres humanos que, nos termos indígenas, ficam muito poderosos ao trocar de “paletó”¹¹ – são brancos e brigam entre si. O *nawotuye* (cobra estrangeiro aliado), em agradecimento à “carona”, ensina os *Palikur* como vencer seus inimigos e combina o sinal para o término do conflito e a retirada dos guerreiros, a partir do momento em que disparar o trovão no céu¹².

Dentro desse contexto, o outro Cobra-Grande perseguido, sendo um ser antrozoomorfo “branco”, poderia ser um holandês ou inglês. Talvez jamais se saiba ao certo. A julgar pelo sumiço prematuro dos ingleses da região e do histórico de alianças dos holandeses com os *Galibi Kalinã*, a “pessoa” do Cobra-Grande inimigo parece referenciar um líder guerreiro holandês.

Esta ascendência também é reforçada por Artionka Góes Capiberibe (2007), ao problematizar categorias de assimetria na relação dos indígenas entre si e deles com agentes europeus no período colonial. A autora considera que na relação *Caribes*/Holandeses parece existir um “[s]istema de aliança estabelecido entre eles [que] assentava-se na circulação de bens, visto por uns como troca de dons entre aliados, e por

¹¹ O “paletó”, ou a roupa de Cobra-Grande que os guerreiros brancos usam, são explicados por Eduardo Viveiros de Castro (1996:133) como o “equipamento” que seres xamânicos usam, não para ocultar sua essência humana, mas antes para “ativar os poderes de um corpo outro”. Tais roupas e equipamentos – em termos *Arukwayene*, os “paletós” – são interessantes, porque definem a capacidade de um humano se apropriar da força de um não humano.

¹² Uma forma que nos parece bastante verossímil de explicar um dos poderes do *Waramwy* seria entender que os *Palikur Arukwayene* podem ter classificado o trovão do guerreiro branco a partir do disparo de uma canhoneira, arma de uso comum nos navios de qualquer dos agentes colonizadores da época.

outros, como simples troca de mercadorias”. (CAPIBERIBE, 2007:79). Tais relações comerciais também denunciam a aliança bélica entre os *Kalinã* e o *Holandê* (holandês), que somente em um período posterior à invasão, com o afastamento dos batavos em direção ao território que lhes sobrou da repartição colonial, a partir do século XVIII, serão classificados como “índios portugueses”.

Entre ilações e incertezas, parece verossímil supor que a *Keka* pelejada por grupos guerreiros *Caribe* e *Aruaque* confunde-se e retroalimenta-se da guerra empreendida pelos dois “Cobras brancos” que intentavam estabelecer suas respectivas bases coloniais nos arredores da ilha de Caiena, o que de fato ocorreu tanto para francos, com a “Guiana dita francesa” (SOUZA, 1994), quanto para batavos, com a consolidação da Guiana, supostamente holandesa, no litoral de Paramaribo.

As narrativas das *keka Palikur* propõem aportes de memória para compreensão da História vivencial empreendida nos próprios termos pelos *Aruaque no* Oiapoque, ao tempo em que reafirmam, em termos *Arukwayene*, uma antiga opção em ser *amis des français*¹³, além, claro, de repovoarem a história guianense com protagonismos outros e possibilidades outras de sua compreensão.

Essa narrativa da incursão naval *palikur* também demonstra que o racismo estruturante, inaugurado pelos humanos de além-mar, direcionado a indígenas e africanos, pode ter sido adaptado para os entes demiúrgicos e seres da supernatureza, como algo que pode ser percebido como uma modalidade de “racialização” dos não humanos que povoam a Amazônia caribenha; isso de uma perspectiva eminentemente ameríndia. No caso, o Cobra-Grande, categoria nativa aruaque utilizada para designar líderes guerreiros – humanos e não humanos (BATISTA, 2019) – teria sido aparentemente adaptada na narrativa de *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos), para receber uma conotação racial.

¹³ Amigos dos franceses.

Na imagem, mais um Cobra-Grande em posição de defesa:



Imagem 05 – *Datka* (Cobra) em posição de defesa. Escultura em madeira de *Uwetmin* (Manoel Antônio dos Santos).

Fonte: Fotografia do autor (2018).

Considerações finais

O contato com o patrimônio histórico-mnemônico do povo *Palikur Arukwayene*, ora compartilhado pelo ancião *Uwetmin*, denota/identifica eventos que apontam para a invasão dos territórios indígenas compreendidos no interflúvio Oiapoque/Cayenne, região da atual fronteira Franco-brasileira. As categorias antropomórficas e zoomórficas que surgem na narrativa nos permitem conhecer características e comportamentos de diferentes anacondas/cobras-grandes, seres de

natureza ambígua que lideraram os grupos guerreiros em disputa pela ocupação da costa guianêsa, denotando o processo de territorialização europeia concomitante a desterritorialização originária. Assim, vimos que a riqueza classificatória desses líderes guerreiros que salta da memória indígena podem se constituir como instrumental de (re)composição da história da América, no caso, de uma história/memória da invasão do Escudo das Guianas, território ameríndio retalhado entre potências europeias em trezentos anos de guerras coloniais.

Percebe-se, também, que Anacondas ou Cobras-Grandes, que no mundo físico podem se manifestar no corpo *de Eunectes murinus*, são considerados a um só tempo, os donos e construtores dos territórios e nichos flúvio-marítimos em toda a região guianêsa. Designados em diferentes línguas por diferentes homens e mulheres-memória, os cobras, quer sejam “machos” como o *Waramwi*, quer sejam “fêmeas” como a *Kayeb*, referem sempre uma mesma categoria de seres, com os quais é preciso celebrar acordos no âmbito xamânico, para bem viver e melhor se movimentar em seus domínios, sem lhe atrair o poder e a ira.

É interessante perceber que esse mesmo poder pode ser acionado contra os inimigos, tanto no âmbito xamânico, quanto físico, uma vez que o território e o *modus vivendi* indígena encontre-se ameaçado. Nesse sentido, constata-se que para a historicidade indígena não há distinção entre o protagonismo de seres humanos e não humanos, na conformação de eventos da história vivenciada.

No desenvolvimento da narrativa vislumbra-se ainda que aos *Datkas*/Cobras com os quais diferentes povos territorializados no Baixo Oiapoque cultivavam (e ainda cultivam) relações que a antropologia designaria como totêmicas, foi preciso acrescer a chegada das anacondas “brancas” – ora holandesas, ora inglesas, francesas, irlandesas ou portuguesas – em atenção a necessidade de com elas/eles estabelecer uma relação política e/ou belicosa.

No presente, os mestres da tradição seguem apontando o dedo e o discurso para estes reptilíneos de pele branca, seres que lançaram mão de diferentes “paletós”, a fim de se apropriarem da *keka* ameríndia e cambiá-la em guerra de escravização e extermínio, com o objetivo de desmontar a autonomia territorial dos povos guianenses. Nesse sentido, o diálogo mnemônico e imagético com diferentes modalidades e tipos de Cobra-Grande devem nos fornecer subsídios para uma história do escudo guianense, que possa ultrapassar o mero relato dos colonizadores/vencedores.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. *Keka Imawri: narrativas e códigos de guerra entre os Palikur-Arukwayene*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

_____. *Keka Imawri: narrativas e códigos da guerra do fim do mundo*. I ED. Belo Horizonte: Ed. Comissão Mineira, 2020.

BLENCH, Roger. *A expansão Arawak: tecendo linguística, arqueologia e antropologia*. In: COMUNICAÇÃO NO MUSEU GOELDI. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2015. (Comunicação oral)

BOLOGNESI, Luiz. 2019. Guerras do Brasil.doc. In: *Guerras da conquista*. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/guerras-do-brasildoc> Acesso em 13 dez. 2020.

CAPIBERIBE, Artionka Góes. *Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo*. Annablume. São Paulo: Anablume, 2007.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Revista Mana*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2(2), 1996, 115-144. Disponível em <<http://ref.scielo.org/fmqcn7>>. Acesso em 13 dez. 2015.

_____. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930: o silêncio dos vencidos: memória história e revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

HULSMAN, Lodewijk. Escambo e tabaco: o comércio dos holandeses com índios no delta do rio Amazonas (1600-1630). In: CHAMBOULERYON, R. e SOUZA JUNIOR, J. A (Orgs.). *Novos olhares sobre a Amazônia Colonial*. I ed. Belém: Paka-Tatu, 2016, p. 39-59.

INSTITUTO CHICO MENDES de Conservação da Biodiversidade. Brasília: ICMBio, 2018.

LIMA, Helena Pinto. *Koriabo: do mar do Caribe ao rio Amazonas*. In: PESQUISA NO MUSEU EMÍLIO GOELDI. *Campus de Pesquisa*. Belém, 2017. (Comunicação oral).

MANO, Marcel. 2010. Metáforas Históricas e Realidades Etnográficas: a construção de uma história do contato Kaiapó no triângulo mineiro. *Caderno de Pesquisa CDHIS*. Uberlândia: UFU. 23(2), 2010, 325-347. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/7661>> Acesso em 23 jun. 2020.

PORTELLI, Alessandro. 2016. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz.

_____. 1997. O que faz a história oral diferente. *Revista do Programa de estudos pós-graduados de História*. São Paulo: USP. V. 14, 1997. Disponível em: <file:///C:/Users/ramir/Downloads/11233-Texto%20do%20artigo-27359-1-10-20120905.PDF> Acesso em 13 ago. 2018.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. *A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita*. Brasília: Senado Federal, 2005.

ROSTAIN, Stéphen. Que hay de nuevo al norte: Apuntes sobre el ariste. *Revista de Arqueologia*. 24(I), 2011, 10-31. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=QUE+HAY+DE+NUEVO+AL+NORTE.+APUNTES+SOBRE+EL+ARISTE&btnG=>> Acesso em 18 fev. 2022. 2011.

SANTOS, Uwet Manuel Antonio dos. *Waramwi : a cobra grande / Uwet Manuel Antonio dos Santos*. Tradução: David Green, Lesley Green. 1 ed. São Paulo : Iepé, 2013.

SOUZA, Lynn Mario Menezes de. 2002. As visões da anaconda. *Revista Semear*. 7:1, 2002, 4. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_I6.html> Acesso em 19 abr. 2022.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

TEIXEIRA, Dante & PAPAVERO, Nelson. *Os primeiros documentos sobre a História Natural do Brasil (1500-1511) – Viagens de Pinzón, Cabral, Vespucci, Albuquerque, do Capitão de Gonville e da Nau Bretoa*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2009.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, J. Amado, & FERREIRA, M. M. Ferreira (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Brasília: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 233-245.

VIDAL, Lux Boelitz. De Mana ao Oiapoque: a trajetória de uma migração. *Revista da USP*. São Paulo. 46, 2000, 42-51. Disponível em <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-C5&q=de+mana+ao+oiapoque&btnG=>>> Acesso em 11 fev. 2020. 2000.

_____. Mito, História e Cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia*. 44(I), 2001, 117-147. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100004>. Acesso em: 18 mar. 2013.

VIEIRA, Marina Guimarães. A descoberta da cultura pelos Maxakali e seu projeto de pacificação dos brancos. In: CUNHA, Manuela Carneiro da e CESARINO, Pedro (Org.). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

HULSMAN, Lodewijk. Escambo e tabaco: o comércio dos holandeses com índios no delta do rio Amazonas (1600-1630). In: CHAMBOULERYON, R. e SOUZA JUNIOR, J. A (Orgs.). *Novos olhares sobre a Amazônia Colonial*. I ed. Belém: Paka-Tatu, 2016, p. 39-59.

WOLF, Eric R. *A Europa e os Povos sem História*. São Paulo: EDUSP, 2005.

Referências Documentais:

UWETMIN, (Manoel Antônio dos Santos). 2015, 2018. [Entrevistas concedidas] a Ramiro Esdras Carneiro Batista na *aldeia Mahigwi* (Terra Indígena Uaçá), Oiapoque/Amapá.